

1. "JUDITE COM A CABEÇA DE HOLOFERNES"

LUCAS CRANACH

24 JANEIRO – 28 ABRIL 2013

CONTEMPORÂNEO DE PINTORES como Dürer, Holbein, Altdorfer, Baldung Grien ou Grunewald e de escultores como Veit Stoss ou Riemenschneider, Lucas Cranach, o Velho (Kronach, 1472 – Weimar, 1553), completa a geração de ouro do Renascimento alemão, sendo de todos os seus artistas o que teve uma vida mais longa e uma carreira mais produtiva. Após os primeiros estudos em Kronach, em 1502 instala-se em Viena, capital imperial de Maximiliano I, onde inaugura a sua carreira de retratista e se relaciona com poetas e humanistas, evidenciando uma apetência pela cultura literária e religiosa, uma das marcas da sua produção artística e suporte da sua capacidade de criar imagens novas, quer gravadas quer pintadas. Viaja pelo Danúbio, por Nuremberga, sobretudo, cidade de Dürer, o mais famoso dos artistas alemães do seu tempo.

Em 1504, é convidado para pintor da corte de Frederico III, o Sábio, em Wittenberg, onde se instala em 1505. A 8 de Janeiro de 1508, recebe desse príncipe eleitor da Saxónia um brasão de armas, com o símbolo da serpente alada e coroada, que passa a utilizar como assinatura dos seus quadros. Visita a Flandres, em missão diplomática à corte de Margarida de Áustria, em Malines (ou Mechelen), contactando em directo com a pintura dos principais mestres flamengos; conhece Gossaert e copia Bosch, antes de regressar a Wittenberg. É deste período a *Salomé com a Cabeça de São João Baptista* do MNAA, uma das grandes pinturas da fase de afirmação de Cranach.

O seu ateliê na cidade aumenta para responder a um número cada vez maior de cada vez mais importantes encomendas. Com crescente riqueza, famoso e nobilitado, casa-se em 1512. Dois dos seus três filhos tornam-se pintores importantes: Hans (1513-1537), que morre precocemente em Bolonha, e Lucas Cranach, o Jovem (1515-1586), que colabora até ao fim com o pai, prolongando o seu ateliê e o seu estilo.

Em 1517, a florescente mas pacata cidade de Wittenberg torna-se no centro da Reforma, quando Lutero aí afixa as 95 Teses que o separam definitivamente da Igreja Romana. Cranach, amigo de Lutero, colabora na ilustração da sua tradução dos

**Judite com a Cabeça de Holofernes**

Lucas Cranach, o Velho

Assinada [serpente alada] no canto inferior direito
c.1530

Óleo sobre madeira de tília

Rogers Fund, 1911

The Metropolitan Museum of Art, inv.11.15

Evangelhos e deixa-nos retratos pintados e gravados do Reformador. Apesar de luterano, Cranach continua a trabalhar para uma clientela católica, procurando, ao mesmo tempo, encontrar a representação religiosa possível para o protestantismo, assunto candente na época, já que alguns dos reformadores chegam a proclamar a iconoclastia.

A *Judite com a Cabeça de Holofernes*, do Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, é uma pintura de cerca de 1530, correspondendo a esta época. O modelo da jovem vestida e adornada com riqueza, de espada em punho, ostentando a cabeça do tirano vencido pela sua sedução,



Salomé com a Cabeça de S. João Baptista

Lucas Cranach, o Velho

Assinada [serpente alada] no canto superior direito

c.1509-1510

Óleo sobre madeira de tília

Doação Conde de Carvalhido, 1872

Museu Nacional de Arte Antiga, inv.736 pint

é uma imagem muito popularizada por Cranach e conhecem-se várias dezenas de versões próximas. Para muitos historiadores, uma das razões do seu sucesso é o facto de a figura da heroína judia simbolizar também, no contexto político da Reforma, o povo protestante cercado pelo gigantismo do poder da Igreja Romana.

Lucas Cranach, um dos artistas que maior sensualidade imprimiu nas suas representações, traduz nestas pinturas a relação entre a beleza e a capacidade feminina de manipular os desejos e as paixões, utilizada para o mal, por Salomé, e para o bem, pela heróica Judite.

Salomé, filha de Herodíades, ao dançar durante um banquete, seduz o marido de sua mãe, Herodes Antipas, levando-o a prometer-lhe tudo o que quisesse. Instigada pela mãe, a quem São João Baptista acusa de desonestidade por viver com o cunhado, pede-lhe a cabeça do Precu-

sor. O Santo é martirizado e a cabeça oferecida, numa bandeja, a Salomé. Por vezes, para reforçar a mensagem moral, Salomé é representada em conjunto com outra heroína. No caso da pintura do MNAA, pode ter sido acompanhada por uma “Lucrecia”, formando um díptico.

Exemplo do sacrifício e da coragem do povo judeu, a história de Judite permite que a sua representação viva isolada. Esta heroína seduz e mata Holofernes, que sitiava a cidade de Betúlia. Ao saberem da morte do seu general, as tropas assírias levantam o cerco.

Muito presentes na cultura alemã do Renascimento, os temas do poder e dos ardis femininos – *Weibermacht* e *Weiberlisten* – são recorrentes na obra de Cranach: Judite, Dalila, Lucrecia, Salomé e outras, representações de casais de idades distanciadas, famílias de sátiros, o Julgamento de Páris... Estas figuras ou cenas transbordam de erotismo, característico do universo do pintor (e motivo forte da sua fama e triunfo), embora, quase sempre, surjam associados acontecimentos que marcaram uma profunda mudança do rumo da História.

A beleza dos modelos, o realce da figura feminina através dos fundos negros ou escuros, e o seu aparente desdém em relação ao horror presenciado, são elementos essenciais destas imagens que veiculam pelo seu exemplo concreto um valor moral preciso. Neste sentido, enquadram-se no papel de referência exemplar, que a espiritualidade dos reformadores permite à imagem pintada e gravada.

A reunião destas duas pinturas (pela primeira vez, dado que nunca participaram nas mesmas exposições) permite-nos ver a forma semelhante como Cranach retrata duas figuras diferentes, utilizando os mesmos artifícios e uma composição similar. Ao mesmo tempo, dá-nos a perceber a evolução estilística do pintor: de um período inicial, influenciado por Dürer e pelos pintores flamengos, à sua fase madura, cujas características englobam um desenho mais linear, contrastes vincados, uma cor menos vibrante e referências aos modelos germânicos e mesmo medievais, traduzindo um nacionalismo a que a Reforma Protestante não é, por certo, alheia. Este acontecimento molda para sempre a vida de Cranach. Já no fim, octogenário, acompanha o seu príncipe no exílio ditado pelo Imperador Carlos V, morrendo em Weimar, em 1553.

APOIOS: